

OFÉLIAS

(Antologia de poemas ofélicos)

Traduções e organização

Marquessuel Dantas de Souza

Ofélia

*Henry Murger*¹

Em uma cama de areia, entre as juncos,
O fluxo indiferente sussurra uma canção,
E em sua loucura, sendo sempre mulher,
A criança se debruçou sobre as águas claras.

Nas águas claras, enquanto ela inclinava
Seu rosto pálido e o achava lindo,
Ela vê flutuar na corrente d'água
Uma erva marinha, a flor amarela e branca.

Em seus longos cabelos ela coloca a flor,
E em sua loucura, sendo sempre mulher,
Neste claro regato, que canta uma canção,
A criança ainda vê sua fria palidez.

Uma flor do céu, uma estrela dourada
Que ao anoitecer derepente brilha.
E, também conquista como Ofélia,
Aspira sua palidez no cristal da onda.

A louca percebe no meio da água
A estrela reluzir assim como uma chama.
E em sua loucura, sendo sempre mulher,
Ela quer ter essa nova jóia.

¹ *Ophélie*. In: MURGER, Henry. **Les nuit d'hiver**. Poésies complètes. Paris: Michel Levy Frères, 1861. 288p. pp. 11-13.

Ela estende a mão para recolher a estrela
 Que a atrai de longe por seu reflexo dourado,
 Mas a estrela escapa; ela ainda avança:
 Uma noite, na margem, ela encontra seu véu.

Seu túmulo está na borda dessas águas claras,
 Onde, à noite, Stella vem refletir a sua chama,
 E o regato claro, que canta uma canção,
 A empurra para o rio entre os juncos.

A morte de Ofélia

Ernest Legouvé²

À beira de uma torrente, Ofélia
 Recolhida, ao longo da borda,
 Em sua doce e sensível loucura,
 Com flores nas mãos,
 Em cores de opala,
 E destas flores de um rosa pálido
 Que chamamos dedos da morte.

Então, elevando com as mãos inocentes
 Estes graciosos tesouros da manhã,
 Ela os pendurou nos galhos,
 Nos galhos de um salgueiro vizinho;
 Mas muito fracos, os galhos dobram,
 Se quebram, e a pobre Ofélia
 Cai, com sua coroa de flores na mão.

Em alguns instantes seu vestido infla
 A tonalidade ainda sobre a corrente,
 E como um véu dilatado,
 Ela flutuava, sempre cantando,
 Cantando alguma balada antiga,
 Cantando assim como uma Náiade
 Nascida no meio desta torrente.

Mas essa estranha melodia
 Passa rápido como um som;
 Nas ondas o vestido se torna mais pesado

² *La morte d'Ophélie*. In: LAGOUVÉ, Ernest. *Lectures a l'Académie*. Paris: Michel Levy Frères, 1862. 386p. pp. 129-130.

Logo, no abismo profundo
 arrasta-se a pobre insensata,
 Partindo apenas como começou
 Sua melodiosa canção.

As flores de Ofélia

Laurent Tailhade³

Sweets to the sweet...
 And from her fair and unpolluted flesh
 May violets spring!...

Flores em flor! flores de verão, flores da primavera! flores pálidas
 De novembro derramando o rancor das despedidas
 E, nos juncos trançados, os crisântemos selvagens;

Os lótus reservados para a mesa dos deuses;
 Os lírios altivos, entre os feixes de amarantos,
 Mostrando com orgulho seus tirsos radiantes;

As rosas de Natal com palidez transparente,
 E então, todas as flores apaixonadas pelos túmulos,
 Violetas dos mortos, samambaias perfumadas,

Asfódelos, sóis heráldicos e belos,
 Mandrágoras gritando com uma voz sobre-humana
 Ao pé da força negra que assombra os corvos.

Flores em flor! Desfolhamento de flores! Caminhamos
 Com incensários floridos na terra onde, ali,
 Ofélia dorme com Rowena de Tremaine.

Amor! Amor! e sua fronte se curva
 Fazendo jorrar o púrpura extático das rosas,
 Semelhante ao sangue feliz derramado nos combates.

Outrora elas cantavam, virgens com rosas douradas,
 Amantes dos dias que não mais renascerão,
 Sob suas roupas tecidas de ouro fino e argirozes;

Oh, longínqua doçura das primaveras passadas!
 Manifestação auroral de Ideias!
 Porta do céu oferecida aos lábios dos eleitos!

As virgens do presente, mortas ou possuídas,

³ *Les fleurs d'Ophélie*. In: TAILHADE, Laurent. **Vitraux**. Paris: Léon Vanier, 1891. 480p. pp. 45-49.

Estão longe! bem distante! A esperança caiu de nossos corações,
Tais como uma árvore morta com galhos podados.

E a Sombra, os arrependimentos e o Esquecimento triunfam.

*
* *

Através dos lírios e dos juncos, Ofélia
Abadona sua alma aos murmúrios calmos
Do rio, solitário testemunha de sua melancolia.

E aqui no fundo de espesso esverdeado
Tons confusos de harpas cristalinas
Atraentes com seus ritmos obsessivos.

O ouro difuso do sol avermelha as colinas
Além do castelo de Elsenor e o entorno
Que já escurece nas trevas traiçoeiras.

A Noite Felina em seu vestido de veludo
Envole as águas, os vales profundos e os céus sombrios
E os salgueiros retorcidos desfocam os contornos.

E as nuvens avermelhadas do poente estão sombrias
Onde subir, lancem os punhos, atrozes cavaleiros
Estimulando o vôo furioso dos unicórnios.

Agora a Senhora que sonha com juramentos esquecidos
Resmunga uma poesia medieval muito antiga. A demência
Amplia em sua mente os pesares multiplicados.

Flores em flor! Soluços extinguem seu romance,
Enquanto que com o cabelo coroadado de jasmim,
Ela se inclina para os juncos do rio imenso.

As Nixes próximas da borda mostram o caminho,
E, calma, ao longo dos prados verdes mares,
Ela desce com o buquê nas mãos.

As flores molhadas por suas pálpebras magoadas
Pousaram o bálsamo adorado do sono,
Nos jardins de madrepérola com pedras preciosas.

Sob as varandas azuladas onde o sol
Não doure a candura marfim,
Sob as ninfas brancas tingidas de sangue vermelho,

Ofélia fechou seus olhos azul-marinho.

Ofélia

Arthur Rimbaud⁴

I

Sobre a onda calma e sombria onde repousam as estrelas
A branca Ofélia flutua como um grande lírio,
Flutua lentamente dormindo em seus longos véus...
– Ouvem-se gemidos nos bosques longínquos.

Eis mais de mil anos faz que a triste Ofélia
Passa, fantasma branco, sobre ao longo do rio sombrio.
Eis mais de mil anos que sua doce loucura
Murmura seu romance à brisa da noite.

O vento beija seus seios e o mostra em pétalas
Seus enormes véus ao vento que penetram nas águas;
Os salgueiros estremecendo choram sobre seus ombros,
Sobre sua frente sonhadora inclinam-se os juncos.

Os nenúfares feridos suspiram em volta dela;
Às vezes ela acorda, num galho que dorme,
Em algum ninho de onde vem um pequeno tremor de asa:
– Um canto misterioso desce dos astros de ouro.

II

Oh, pálida Ofélia! bela como a neve!
Sim, morreste, menina, levada por um rio!
– É que os ventos das montanhas da Noruega
Contaram-me baixinho da rude liberdade;

– É que um sopro, deformando sua enorme cabeleira,
Em seu espírito sonhador porta estranhos barulhos,
Que seu coração ouviu o canto da natureza
Nos lamentos das árvores e nos suspiros da noite.

– É que a voz do mar furioso, imenso tumulto,
Rasgou teu seio de menina, demasiado humano e doce;
– É que numa manhã de abril, um belo cavalheiro pálido,
Um pobre louco, em silêncio ajoelhou-se a teus pés.

⁴ *Ophélie*. In: RIMBAUD, Arthur. **Reliquaire**. Poésies. Préface de Rodolphe Darzens. Paris: L. Genonceaux, 1891. 152p. pp. 27-29.

Céu, amor, liberdade! Que sonho, oh, pobre louca!
 Você se derreterá como a neve no fogo:
 Suas grandes visões estrangularão a sua fala
 O Infinito terrível assustará os teus olhos azuis!

III

– E o Poeta diz que sob os raios das estrelas
 Ela vem procurar, à noite, as flores que colhes;
 E que a vê sobre as águas, deitada em seus longos véus,
 A branca Ofélia flutuar, como um grande lírio.

Ofélia

Isi Collin⁵

Era a hora infinita no qual, morrendo, as flores
 Lançavam seus perfumes que a brisa espalhava
 Onde, pela paz do céu, as estrelas sintilavam
 E tecendo à noite suas teias de luz.

Era a hora infinita em que tudo, um pouco, estava morrendo.

O rio lânguido acalmava suas ondas loucas,
 Misteriosa ao longe, a floresta estava silenciosa,
 E, entre a agonia esparsa das corolas,
 Um sopro de lírio e lilás escorregou.

Um grande sonho pairou como um encantamento.

– Foi a hora de êxtase em que em sua sonolência
 A alma das flores, as ondas, as florestas e dos campos,
 Unânime, se uniram à alma do silêncio.

As longas veias dos juncos prolongaram seus reflexos
 Sobre as rugas das águas onde a lua nascente
 No horizonte repleto de folhas flamejantes

Um caminho de luz e sombra que tremia.

Sob as sombras de tílias apareceu Ofélia,
 Os cabelos em camalha, de íris nas mãos,
 Ela veio e cantou na suave paz,

⁵ *Ophélie*. In: COLLIN, Isi. **L'Hermitage**. Revue mensuelle de Littérature, douzième année, n° 7, deuxième volume, juillet-décembre, Paris/Genève: Slatkine Reprints, 1901. 480p. pp. 214-216.

E até nos confins, a noite azul adormecida
Vibra todas os ecos e de repente desperta.

Ela cantou!

Em frente ao rio roxo
Onde os raios flutuavam em escamas lívidas,
A roupa de clareza mágica, ela parecia
Diáfano. Sua voz, em guirlandas fluidas,
Mostrou-se sob o céu pesado demais de prazer
O assombrado estremecimento de um desejo que se ignora;
E seus lábios deixavam-se vagar ao vento sonoro
Uns melódiosos versos ao inefável verão.

Como se outras flores no ar viessem a eclodir,
O canto estava noivo com aromas diluídos
E foi um vôo de gradações perfumadas
Que ascendia.

De repente, de seus cabelos graciosos,
Onde rosas morrem, agitando as pétalas,
A brisa inesperada afiava sua rachada
Ondula as longas dobras de seu vestido de linho.

E, silenciando sua canção, Ofélia atenta
Ao inflexível sussurro dos olmos da margem,
Temerosos – pois a lua extinguiu sua claridade –
Com um dedo na boca e, examinando o mistério,
Seu olhar descobriu entre a obscuridade
Um mundo vaporoso de sonhos e quimera.

A chama ardente deslizou, levemente, sobre as ondas,
Em pequenos saltos em volta de um salgueiro escuro,
Na terrível direção de Ofélia ampliando seus raios,
Extinguindo e renascendo, entre os juncos.

Ela pensou ter visto o rio se abrir – ó loucura! –.
Mil lábios de esquecimento que, à noite, de repente
Gemeram um apelo lento e distante:

“Ofélia! Ofélia! Ofélia!... Ofélia!”

No sopro da noite, triste e ainda mais sozinha,
A irmã pálida com íris e gladiolos, tão frágil,
Como o despertar de um alaúde ao toque de uma asa
Suas recordações tensas estremeceram em acordo.

Em suas têmporas pressionando fitas douradas
Na pureza da morte das rosas mutiladas,

Ela não sentiu o beijo frio das águas
 Penetrar lentamente em sua carne intacta.
 E correu para as vozes através dos juncos quebrados

E o rio estrelado, em suas curvas profundas
 Incluindo um redemoinho de reflexos coloridos,

Com suas ondas noturnas se misturou aos cachos loiros.

Ofélia

André Dumas⁶

A M. Paul Boegner

Fugindo de si mesma e fugindo de seus pensamentos,
 Ofélia seguiu o caminho dos juncos,
 Onde, no meio dia das folhas acariciadas,
 Um frescor trai a presença das águas.

Um velho salgueiro, onde a voz das brisas lamenta,
 A acolhe sob o abrigo de seus ramos esparços;
 E, cansada, ela se senta na beira da água parada
 Que penetra o sono movente dos nenúfares.

A vegetação rasteira roxa tece o crepúsculo;
 Em algum lugar, se destaca um tronco branco de bétula:
 Ela sonha... Uma flor – narciso ou ranúnculo –
 Escapa de suas mãos e foge sobre a água.

E a doçura da noite nela se insinua;
 A hora passa; Vênus brilha nos céus.
 Mas a virgem permanece sonhando, contida
 Por um distúrbio inexplicável, obscuro, delicioso.

E aqui como um murmúrio, uma queixa sufocada
 Resultante da onda palpita na paz da vegetação rasteira;
 Ela ouve. – Parecendo uma fada invisível
 Se inclina e fala a meia voz...

“Oh virgem com véus brancos! virgem com grandes olhos calmos!
 Venha para mim; eu conheço sua fraqueza. Por que
 Se juntar à multidão, ao clamor das cidades,
 Onde a vida inclemente é muito difícil para você?”.

⁶ *Ophélie*. In: DUMAS, André. **La Revue de Paris**, neuvième année, tome quatrième, juillet-août, Paris: Bureaux de la Revue de Paris, 1902. 386p. pp. 397-400.

“É a ninfa das águas, sua irmã, que te reclama,
 Quem te oferece o repouso e o nada divino;
 Venha, dócil à minha voz, unir sua alma à alma
 Das fontes, dos juncos, bosques e barrancos”.

“Aproxime-se; se debruce sobre água que se assemelha a você.
 Então, deixe-se deslizar suavemente, docemente:
 Suas tristezas, seus arrependimentos desaparecerão juntos;
 Você fechará seus olhos para um sonho encantador”.

“E você repousará ao balanço das ondas,
 E eu vou te abraçar, acariciar, em meus braços,
 E minhas águas te farão, ó virgem pálida e loira,
 Um travesseiro muito macio onde você adormecerá”.

“Seu corpinho, todo branco entre seus muslins,
 Fugirá como aquelas flores que caem de suas mãos,
 E as flautas de prata, as harpas cristalinas
 Cantarão para você cantos desconhecidos para os seres humanos”.

“Os poetas dirão sua juventude fervorosa;
 Outros virão a sonhar aqui, os olhos em lágrimas,
 Mas você, sempre mais jovem e cada vez mais viva.
 Você renascerá entre as folhas e as flores”.

*
 * *

Por muito tempo as águas lhes falam em voz baixa;
 Afinal, virgem desiste e abandona-se um pouco,
 Quando de repente, como um vôo de pombas passando.
 De longe boatos vibram na noite azul.

"Ouça bem: essas são as vozes da sua infância.
 Depois de ter dado a volta no seu berço,
 Podemos te entregar, tremendo e desamparado,
 Na chamada carinhosa e traiçoeira água?”.

“Conhecemos sua juventude e seus sonhos tranquilos;
 Vimos sua alma florescer em seus doces olhos.
 Vai destroçar de um golpe tantos filhos invisíveis
 Que dezoito anos de vida teceram entre nós?”.

“Você não reconhece, por trás da ramagem,
 A cidade com campanários azuis sobre a qual cai a noite?
 De cada telhado voa uma faixa de fumaça;
 Um pouco de luz amarela brilha em cada vidraça”.

“Mas os sinos, esta noite, têm sons mais sombrios;

Mas os velhos muros, testemunhas de sua primeira emoção,
Se entristeceram; e do coração dos seres e das coisas
Ascendeu um supremo chamado que sussita para você”.

“Não fique surdo a essas vozes familiares:
As árvores do caminho são velhos amigos;
As casas vizinhas são hospitaleiras à você;
A felicidade se oferece a você tal como Deus a permite”.

“Pense naqueles que estão te esperando na porta;
Abra seu grande coração, em vez de fechá-lo.
Venha viver: verá que cada dia traz
Novas razões para sorrir e amar”.

“Pare de sonhar, Ofélia! Ofélia!
Olhe... Está ficando tarde... Todo o ruído parou.
Conhecemos a doçura da sua melancolia,
Mas o sonho é menos bonito que a realidade”.

*
* *

A virgem então se levanta. Espalhe pela brisa,
Por si mesmos, os galhos que se abrem diante de seus passos;
Mas o ramo em que sua mão procura como apoio quebra:
É tomado pela água que não a esqueceu.

Tudo está calmo. O dia lentamente diminui.
Confiante, ignorante do perigo, algum tempo
Ela desliza para rio, sustentada
Pelos cabelos espalhados e seus véus flutuantes.

E desde que, nas noites de primavera e outono,
Seus companheiros, que sonharão sob os juncos,
Acreditem em encontrar um pouco de sua voz monótona
Na queixa do salgueiro e dos suspiros das águas.

Ofelia

Georg Heym⁷

I

No cabelo, um ninho de jovens ratos aquáticos,
E as mãos envolvidas pela maré

⁷ *Ophelia*. In: HEYM, Georg. *Dichtungen*. München: Kurt Wolff, 1922. 308p. pp. 57-58.

Como nadadeiras, então, removeu através das sombras
As enormes matas virgens que repousavam nas águas.

O último sol, perdido no escuro,
Baixou profundamente por seu clamor mental.
Por que ela morreu? Por que ela está tão sozinha
Flutuando na água, confundindo fetos e ervas?

O vento no canavial está denso. Ele está tremendo
Como uma mão tocando em morcegos.
Com uma asa sombria, úmida pela água
Ele permanece como fumaça no corrégo escuro,

Como nuvens noturnas. Uma grande enguia branca
Desliza sobre seu peito. Um vagalume brilha
Em sua frente. E um salgueiro chora
E sob sua folhagem Ela e sua agonia silenciosa.

II

Grãos. Sementes. E ao meio-dia um suor vermelho.
Os ventos secos dos campos dormiam silenciosamente.
Ela veio, como um pássaro querendo adormecer.
A asa de cisne a cobriu de branco.

As pálpebras azuis sombreiam suavemente.
E com melodias brilhantes acabavam
Seus sonhos de beijos corados,
Sonhos eternos em sua eterna sepultura.

Acabou, acabou. Onde a ameaça margeia
O som das cidades. Onde por meio das forças se detém
O fluxo límpido. O eco ressoa
Mais distante. Onde soa baixo

Ecos cheios de caminhos. Sinos e sinos.
Máquinas poenciais. Luta. Onde ameaça o oeste
Em seu pôr do sol sombrio com seu disco poluído,
Em que um guindaste com braços gigantes toca-o,

Com a frente estranha, um poderoso tirano,
Um Moloch, se ajoelha perante os criados negros.
Fardos pesados sobre ele
Como correntes no rio e feitiços rígidos.

Insubmergivelmente, ela flutua no cortejo da maré.
Mas onde ela se move, perseguindo ao longe a força das pessoas
Com uma grande asa numa aflição estranha,
Há sombras sobre ambas as margens.

Acabou, acabou. Como se estende às trevas,
 O dia mais longo do verão atrasa
 Onde o verde escuro dos prados encontra
 À noite distante o suave descanso.

A correnteza a leva longe, submersa,
 Através dos muitos portos de invernos tristes.
 O tempo cessou. Por meio da eternidade,
 Da qual o horizonte transparece como fogo.

Pobres pequenas Ofélias

Jean Lorrain⁸

Pobres pequenas Ofélias,
 Que sem barqueiro nem embarcação
 Você vai sobre a água,
 Como vossos Hamlets vos esquecem!

No fundo dos tristes cabarés
 Eles ficam bêbados com vinho branco,
 Sem pensar se o luar
 Banha de um reflexo na água escura
 Seus olhos cegos sem olhares
 De mortos sob os nenúfares.

Pequenas virgens falecidas,
 Outrora, vocês estavam noivas:
 Sob a água turva com redemoinhos mornos
 Digam, vocês se lembram?

Ofélia

Miguel de Unamuno⁹

to be or not to be...
the rest is silence.

Rosa de nuvem de carne,
 Ofélia da Dinamarca,
 Teu olhar, sonho ou dormência,

⁸ *Pauvres petits Ophélie*. In: LORRAIN, Jean. **L'Ombre Ardente**. Paris: Librairie Charpentier et Fasquelle, 1897. 261p. p. 146.

⁹ *Ofélia de Dinamarca*. In: UNAMUNO, Miguel de. **Obras completas**. Tomo XV. Poesia III. Cancioneiro. Madrid: Afrodísio Aguado, 1958. 1067p. pp. 305-306.

És de Esfinge o olhar.

No azul do abismo,
De suas filhas, – tudo ou nada
– “ser ou não ser” –, és espuma
Ou pouso de vida tua alma?

Não vás freira, espera-me
Cantando velhas baladas,
Sonha-me enquanto sonho contigo,
Briza-me a hora que falta.

E se os sonhos desapareceram
– “o resto é silencio”, almofada
Faz-me de teus musculos, virgem
Ofelia da Dinamarca.

Outro tempo, outra Ofélia

Saint-Pol-Roux¹⁰

Assim como as lágrimas do salgueiro
Com seu ramo no ombro
Ofélia afogou suas dores,
Meu Coração se afogou em meus prantos.

A úmida aqui não é mais a Virgem,
Hamlet jaz na água como uma vela:
Trocamos os dois espíritos
Reinando entre os velhos escritos.

A partir de agora a moça é maligna;
Ao príncipe, vá com o cisne!
Ela floresceu sem o amanhã
O memorável jasmim.

Mas os ramos saíram da onda
Exaltando ao menos a loira
Com a aparência que o vento
Colhera em seus olhos fervorosos.

Aparência da fúnebre parreira,
Então vá com seu vivo ouvido
E possa, jóia discreta,
Tornar-se louca de arrependimento!

¹⁰ *Autre temps, autre Ophélie*. SAINT-POL-POUX. In: *Mercure de France*. Tome quatrième. Paris, 1892. 376p. p. 226.

Ofélia

Ted Hughes¹¹

Onde o lago se desenvolve sob as nuvens –
Lá vai ela

E através e através
Mergulhando na queda d'água como um martelo.

Uma truta salta no ar, não é para respirar.
Esta tem que voltar imediatamente

Para dentro deste mecanismo peculiar
Esta o fez e continuará fazendo

E isto funciona até sua morte –
lá vai ela

Peixe sombrio, dedo nos lábios seus,
Encarando outro mundo.

Ofélia

Jean Itiberé¹²

Oh! branca Ofélia, a noiva sonhadora
Que sempre espera Hamlet na frieza dos mármore...
Quais são as velhas águas, como são as velhas árvores,
Que te viu na correnteza das ondas oscilantes,

Mais pálida que o amanhecer e coroada de flores.
Lentamente navegaste sob a sombra das árvores
E teu corpo era branco da brancura dos mármore
E teu rosto agradável como a manhã.

Ofélia! o coração de Hamlet ainda palpita
Por ti na escuridão das sepulturas geladas,
Para sempre ele espera pelas noites nupciais.

¹¹ *Ophélia*. HUGHES, Ted. In: GUILHEN, Ellen. **A morte de Ofélia nas águas**: reflexos da personagem de Shakespeare na poesia simbolista brasileira. Dissertação de Mestrado. Campinas, 2008, 234p. p. 183. O referido poema na obra de Ellen Guilhen consta do original em inglês. Tradução inédita realizada por Lorena de Oliveira e Silva

¹² João Itiberê da Cunha, conhecido por Jean Itiberé. *Ophélia*. In: **O Cenáculo**, ano I, 7º fascículo, tomo I, p. 218. Curitiba, 1895. Todos os poemas de Itiberé foram publicados em francês.

Sombras, Espectros, fuga! O que quer dizer a Morte
 Se o Amor é divino, as Almas imortais?
 No céu as paixões se tornarão eternas!

Ofélia

Álvares de Azevedo¹³

Sonhei esta noite. Eu a vi dormindo,
 Deitada na relva, minha alva Ofélia!
 Em seus lábios um sorriso tremia e projetava;
 O cheiro de seus cabelos se misturou e exalou
 Um suave perfume de flores de Resedá!

E seu longo véu azul como uma leve nuvem
 Te estremeceu de amor em seu peito adormecido,
 E a brisa da noite murmurava em seu leito,
 E a onda do mar, e o vento da costa
 Balançando seu doce sono sobre sua fronte sonolenta!

E meu coração, grande de amor, quase desmaiou
 Eu estava de joelhos, longe do mundo indigno
 E como um lírio destrocado que empalidece,
 Sentindo seu peito estremecer, e minha alma enfraquecer
 Eu acariciei com um beijo a face deste anjo.

Beijo! sopro do céu! que os amantes do Éden
 Servem, empalidecendo, na primeira noite de amor!
 Que os faz se acalmarem, de mãos dadas,
 E os faz sentir que suas almas estão famintas
 Deste mal, lembrado-se do éter e do dia!

Oh! o que eu sinto por amor e por desejos
 Em meus lábios ardentes e cheios de fervor;
 Os anjos dirão em seus tenros suspiros
 E a pálida noiva que está morrendo de desejos
 Eis que sonha em seu coração – este invólucro de Deus!

E você era tão linda: e sua pálida pálpebra
 Como um véu prateado reclinou-se estremecendo;
 Pensei na minha irmã, o anjo loiro da minha mãe!
 E neste longo beijo, em minha terna oração,
 Pensei no amor dos meus sonhos de infância.

¹³ *Ophélia*. AZEVEDO, Álvares de. pp. 542-543. In: **Poesias completas**. Edição crítica de Péricles Eugênio da Silva Ramos; organização de Iuma Maria Simon. Campinas: Editora da UNICAMP. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. 601p. O referido poema consta do original em francês. Aqui traduzido.

Oh! foi apenas um sonho, e ele acabou de morrer,
 E o sonho de amor levou a minha felicidade!
 No entanto, eu ainda gosto de relembrar
 E meu coração desmaia em te ver dormindo,
 Como um moribundo dentro da dor!

Ofélia

Henrique Oswald¹⁴

Amor, amor, é a última
 vez que para mim termina a estação.
 Uma secreta angústia
 chora no verso da tua canção.
 Olhe, lá embaixo entre os arbustos
 as geadas conservam as flores ternas,
 para mim uma noite os anjos
 teceram as guirlandas seus cabelos.
 e tu verás a jovem
 Ofélia adormecida em seu berço
 das ervas nascidas do hálito
 de Abril a saudar a tua menina,
 e na calma gélida
 do quieto sono te ouvirei suplicar
 Beije-me então, beije-me,
 talvez o teu beijo me faça despertar.

Ofélia – Em língua portuguesa

A morte de Ofélia¹⁵ (Paráfrase)

Machado de Assis

 Junto ao plácido rio
 Que entre margens de relva e fina areia

¹⁴ *Ofelia*. OSWALD, Henrique. In: BERNARDINO, Cássia Paula Fernandes. **Ofélia, Poemeto Lírico de Henrique Oswald**: confluências entre música e texto. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2009, 168p. p. 66. O referido poema na obra de Cássia consta do original em italiano e em português. Aqui fora feito uma nova tradução.

¹⁵ *A morte de Ophelia*. In: ASSIS, Machado de. **Phalenas**. Rio de Janeiro: Garnier, s./d. 126p. pp. 103-105.

Murmura e serpenteia,
 O tronco se levanta,
 O tronco melancólico e sombrio
 De um salgueiro. Uma fresca e branda aragem
 Ali suspira e canta,
 Abraçando-se à trêmula folhagem
 Que se espelha na onda voluptuosa.
 Ali a desditosa,
 A triste Ofélia foi sentar-se um dia.
 Enchiam-lhe o regaço umas capelas
 Por suas mãos tecidas
 De várias flores belas,
 Pálidas margaridas,
 E rainúnculos, e essas outras flores
 A que dá feio nome o povo rude,
 E a casta juventude
 Chama – dedos da morte. – O olhar celeste
 Alevantando aos ramos do salgueiro,
 Quis ali pendurar a oferenda agreste.
 Num galho traiçoeiro
 Firmara os lindos pés, e já seu braço,
 Os ramos alcançando,
 Ia depor a oferenda peregrina
 De suas flores, quando
 Rompendo o apoio escasso,
 A pálida menina
 Nas águas resvalou; foram com ela
 Os seus-dedos da morte - e as margaridas,
 As vestes estendidas
 Algum tempo a tiveram sobre as águas,
 Como sereia bela,
 Que abraça ternamente a onda amiga.
 Então, abrindo a voz harmoniosa,
 Não por chorar as suas fundas mágoas,
 Mas por soltar a nota deliciosa
 De uma canção antiga,
 A pobre naufragada
 De alegres sons enchia os ares tristes,
 Como se ali não visse a sepultura
 Ou fosse ali criada.
 Mas de súbito as roupas embebidas
 Da linfa calma e pura
 Levam-lhe o corpo ao fundo da corrente,
 Cortando-lhe no lábio a voz e o canto.
 As águas homicidas,
 Como a laje de um túmulo recente,
 Fecharam-se; e sobre elas,
 Triste emblema de dor e de saudade,
 Foram nadando as últimas capelas.

Ofélia

A Machado de Assis

Raimundo Correia¹⁶

Num recesso da selva ínvia e sombria,
Estrelada de flores, vicejante,
Onde um rio entre seixos, espumante,
Cursando o vale, túrgido, fluía;

A coma esparsa, lívido o semblante,
Desvairados os olhos, como fria
Aparição dos túmulos, um dia
Surgiu de Hamlet a lacrimosa amante;

Símplices flores o seu porte lindo
Ornavam... como um pranto, iam caindo
As folhas de um salgueiro na corrente...

E na corrente ela também tombando,
Foi-se-lhe o corpo alvíssimo boiando
Por sobre as águas indolentemente.

Soneto de Ofélia

Alphonsus de Guimaraens¹⁷

Lírio do val perdido na corrente,
Sigo formosa e fria entre outros lírios...
Na cabeça, uma c'roa de martírios;
Nos olhos virginais, a paz silente.

As estrelas virão acender círios
No fundo deste leito, suavemente:
E a lua beijar-me-á, calma e dolente,
A lua que abençoou os meus delírios.

Que venha o vago luar que anda nas covas
Atorçar-me a fronte, onde vagueia
O beijo etéreo e trágico de Hamleto...

Formosa como vou, com flores novas
Beijando a minha cor de lua cheia,

¹⁶ *Ofélia*. In: CORREIA, Raimundo. **Poesias completas de Raimundo Correia**. Segundo volume. Organização, prefácio e notas de Múcio Leão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. 464p. p. 142.

¹⁷ *Soneto de Ofélia*. In: GUIMARAENS, Alphonsus de. **Poesias**. 2º volume. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955. p. 469. Obra em dois volumes.

O Príncipe ter-me-á Eterno Afeto.

Ofélia

Alceu Wamosy¹⁸

A lua,
 – a saudade que o sol deixa na alma do espaço –
 pelas águas do lago
 vai levando a doidice errante do seu passo,
 como uma virgem nua,
 delirante, em um sonho arcangélico e vago.

Há camélias de luz florindo entre a água verde-escura.

E, como um triste cisne preto,
 pela bruma,
 passa a visão sonâmbula de Hamleto,
 despetalando, uma por uma,
 todas as rosas de um jardim de sonho e de loucura.

Ofélia

Henriqueta Lisboa¹⁹

Um rio longo, verde-escuro
 sustém o corpo de Ofélia.
 Longos cabelos emolduram
 a forma branca, esquiva e débil
 suspensa ao balanço da água.
 Por entre espumas e sargaços
 desabrocha o rosto de nácar.
 Agora o busto de onda se ergue,
 resvala o fino tronco, os membros
 esvaem-se trêmulos, trêmulos.

Debruço-me sobre o rio
 para salvá-la. E então me perco.
 Meus olhos já não podem vê-la
 nublados de bolhas e liquens.
 Meus braços não mais a alcançam

hirtos do pavor da morte.
 Ofélia, serena, dorme.

¹⁸ *Ofélia*. In: WAMOSY, Alceu. **Poesia completa**. Porto Alegre: Alves Editores/EDUPUCRS, 1994, 154p. p. 114.

¹⁹ *Ofélia*. In: LISBOA, Henriqueta. **Flor da morte**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, 58p. p. 19.

E sonha. Nas praias últimas
um anjo lhe enxuga as tranças.
Um anjo a recolhe e adverte
da inanidade de tudo.

E enquanto se eterniza Ofélia,
para Ofélia desapareço.

Ofélia

Scharffenberg de Quadros²⁰

Olhos cegos à luz da eterna madrugada
voltados para o céu, solto o cabelo ardente,
num berço de algas doce Ofélia inanimada,
como a flor de nelumbo, à tona da corrente.

Veio nimbá-la d'ouro a luz triste do poente,
e vesti-la de azul a tarde imaculada,
armou em seu caminho arcaria imponente
de guirlandas em flor a floresta enlutada.

Elfos, wilis, anões, fadas, gnomos, em pranto,
chegam; gemem-lhe em torno as náíades, e o choro
cresce ao surdo clamor das ondinas; no entanto

ela sonha, absorta em sua núpcia de mágoas,
e afasta-se, através daquele imenso coro,
ao trêmulo vaivém monótono das águas...

Enterro de Ofélia

António Nobre²¹

Morreu. Vai a dormir, vai a sonhar... Deixá-la!
(Falai baixinho: agora mesmo se ficou...)
Como padres orando, os choupos formam ala,
Nas margens do ribeiro onde ela se afogou...

Toda de branco vai, nesse hábito de opala,
Para um convento: não o que o Hamlet lhe indicou,
Mas para um outro, horror! que tem por nome Vala,

²⁰ *Ofélia*. QUADROS, Scharffenberg de. In: MURICY, Andrade. **Panorama do movimento simbolista brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 728. Obra em dois volumes.

²¹ *Enterro de Ophelia*. NOBRE, António. In: **Só**. Paris: Léon Vanier, 1892. 158p. p. 103.

De onde jamais saiu quem, lá, uma vez entrou!...

Ó lindo Pôr-do-Sol, que era doido por ela,
Que a perseguia sempre, em palácio e na rua,
Vede-o, coitado! mal pode sustar a vela...

Como damas de honor, ninfas seguem-lhe os rastros,
E, assomando no Céu, sua Madrinha, a Lua,
Por ela vai desfiando as suas contas, Astros!

Ofélia

Deolindo Tavares²²

Ofélia – Diz isto? Não, por favor, preste atenção:
Ele morreu e foi embora, senhora,
Ele morreu e foi embora;
Em sua cabeça cresce um tufo de verde relva,
Em seus pés uma pedra.

Ó soluçante vento,
lírios brancos enlutados,
ó finas gotas de orvalho
como estrelas fanadas sobre pétalas esparsas,
disseram-me os espíritos dos sonhos
que esta noite Ofélia morrerá de amor.

Ó perfumes que envolvem o ar
num sudário de morte inefável,
ó flores,
águas tranquilas como espelhos,
noites tranquilas e cúmplices de amores;
ó sombras do infundável sono,
ó demônios, signos fatais,
andorinhas vagabundas, cegai-me,
não quero ver a morte da louca Ofélia.

Ó soluçante vento,
lírios brancos enlutados,
ó finas gotas de orvalho
– lágrimas dos meus olhos,
a estas horas, sobre a face da louca Ofélia,
repousam docemente os serenos raios da fria aurora.

²² *Ofélia*. In: TAVARES, Deolindo. In: **Autores e Livros**, suplemento literário de “A manhã”, ano V, vol. VIII, número 6, 11/03/1945, p. 82.

Ofélia

Luiz Delfino²³

É duma palidez que deslumbra e fascina:
Tem nos olhos clarões da chama que arde, enquanto
Rui, no ocidente aceso, a última Alhambra em ruína:
Se canta, os rouxinóis calam-se ao ouvir seu canto.

Sai do centro de um lírio; anda à roda, à surdina,
De olor suave embalando-a; arrasta, impondo espanto,
Trapos de luz nos pés, restos de sóis no pranto;
E o céu é um vasto nimbo azul, que ela ilumina.

Enlouqueceu? Que ser estranho a leva e a enleia?
Não é mais leve n'água e mais bela sereia.
Quem é? Quem vai como ela em tão longo noivado?

Ofélia, és tu, ideal do amor, que eternamente,
Solto o auroral cabelo, e às ervas enrolado,
Vemos fugir, cantando, a fio da corrente.

Canto de Ofélia

Ana Elisa Gregori²⁴

1 - da louca

hã de pensar que sou loucura
mansidão de Ofélia
morta

pó entre fios terra obscuridade
frustração de camélia
surda

porta cerrada dois lábios que não dizem
nada que não sol
sou vaga

canto acalanto sal eternidade
selvagem

meio de mirar estrelas do agreste

²³ *Ophelia*. In: DELFINO, Luiz. **Algas e musgos**. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello, s/d. 258p. p. 63.

²⁴ *Canto de Ofélia*. In: GREGORI, Ana Elisa. **Canto de Ofélia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969, 105p. pp. 13-21.

pensamento

há sol a sol jogo de sombra
pia piar de pássaros debicando
seios montanhas
entre meios d'água olhos
leite escorrendo madurez poeticamente amamentando

ciciar ao mar lagos de noite
o pulso do oceano entre presenças DEUS

meio-dia melodia mais Ofélia de amor
e cor de viver a descida
cambiando

plenamente no bico da loucura a cotovia

2 - da tristeza

há tristeza há palidez
Ofélia em camélia sem coroa
há louca

o lago serenidade gota
lágrima no estalo de chuva
transparência

mancha nos rostos
mergulhadas pedras ao fundo mais fundo
sofrimento ser humanidade cansaço desalento

cai sereno e a geada seca
recém-nascida planta campo adentro
afora velho novo fere
queima sol do frio
nascimento

vivência compadecimento mãos de Ofélia
mesma possuindo face

palavra à flor da boca ao sol pôr anseia
transpor em fuga
eclipse lunar de outro semblante
estágio da marca da sentença

3 - de Ofélia no templo

cordas vocais timbre de harpa
tom gorjeio confinamento
sem se aperceber que canta no vazio

rocha morta surda muda
fundo poço de cimento armado

chama perdida pássaro sangue

braços ao céu galhos em prece
rezam suplicam à cruz clemência
vestal no templo de joelhos ora

breve som tempo semibreve
mesmo só no canto-chão não silencia Ofélia

4 - pelo desencanto

jaz dormindo sem sepultura a cornucópia
lá por esquecimento
não a cobre capim nem terra
inda nos longes fecundação remota

à garganta morre devorada pela lua monstro
a tragédia sobre si
canta Ofélia pelo desencanto
completa elevação pelos cabelos
a mente leva sonhos a termo tal donzela

inutilidade na solidez da espera

quanto mais vê não vê perdida
por noite mil noites estrelas os espinhos
o vento ser agulha pensamento

porque rio canto porque falo
porque guardo
pedregulhos de tristeza

sob grilhões
destila angústia subjugada
perguntas mais perguntas a pressão tormento

porque riem cantam porque falam tanto
dói guardado porque dormíamos este sinal na testa
sobre todos caiu a mesma sentença

infelicidade
à falta de existir o puro
o manto
pele de tragos vestida
aquela lua cris cantava

5 - regresso de Ofélia

da lua no mar descendo

à procura segue Ofélia
da louca da torre Ismália

o espírito no brinde
 uma porção de luar
 sonha beber na taça

rodando no poema
 estará sentada Ismália
 no banco das águas da infância

à medida caminha sob montanhas altíssimas
 jaz silêncio sobre minas
 visita à casa paterna
 cobre o pico a neblina

vislumbramento de Ismália
 sete porteiras além
 Ofélia estaca não passa
 o sobrevoio ao passado traz o véu da miragem

espírito de criança
 sangram olhos sangram pés
 onde a parecença

na volta do lago o espelho
 o próprio rosto é estranho

da lua ao mar descendo

Ofélia

Marquessuel Dantas de Souza

Oh, Ofélia,
 As águas que morreste tem fragrância
 De flores exalando aromas românticos,
 Bela virgem.

Hamlet, Narciso, Eu e Shakespeare
 Choramos a tua morte.

De uma beleza inigualável,
 Inspira paixões de arrebatamentos.

Quão grande és em tua reluzente
 Sedução.

Ofélia... afogaste na violência das águas
 Ou na valsa das ondas?

Ofélia, entre todas, você!

*
* *

Fragmentos de *Hamlet*

Ato IV Cena VII

“Cena em que Ofélia morre”

(William Shakespeare: tradução de Bárbara Heliodora)

A tua irmã está morta... afogou-se.

Como? Onde?

Onde um salgueiro cresce sobre o arroio,
E espelha as flores cor de cinza na água,
Ali, com suas líricas ginaldas
De urtigas, margaridas e rainúnculos,
E as longas flores de purpúrea cor
A que os pastores dão um nome obscuro
E as virgens chamam “dedos de defunto”,
Subindo aos galhos para pendurar
Essas coroas vegetais nos ramos,
Pérfido, um galho se partiu de súbito,
Fazendo-a despencar-se e às suas flores
Dentro do riacho. Suas longas vestes
Se abriram, flutuando sobre as águas;
Como sereia assim ficou, cantando
Velhas canções, apenas uns segundos,
Inconsciente da própria desventura,
Ou como ser nascido e acostumado
Nesse elemento. Mas durou bem pouco
Até que as suas vestes encharcadas
A levassem, envolta em melodias,
A sufocar no lodo.

Ai, afogou-se?

Afogou-se, afogou-se.

Já tens águas demais, oh, pobre Ofélia,
Por isso eu me proíbo de chorar.